

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ANJOS, Bruna Lucila de Góis dos. Bruna Lucila de Góis dos Anjos (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 52min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Bruna Lucila de Góis dos Anjos  
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2021

***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 06/04/2017

***Duração:*** 0h 52min

Arquivo digital - áudio: 1;

***Temas:*** Ciências Sociais; Congressos e conferências; Ensino médio; Ensino privado; Ensino público; Formação acadêmica; Formação de professor; Formação profissional; Livro didático; Vida cotidiana;

## *Sumário*

*Entrevista: 06.04.2017*

A formação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o trabalho no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE); as experiências no curso de licenciatura; a rotina de trabalho em quatro escolas do Estado; o processo de preparação das aulas; a rotina da entrevistada; os recursos utilizados em sala de aula; as diferenças entre as redes pública e privada; os júri-simulados realizados nas aulas de Sociologia; a utilização de livros didáticos nas aulas; a leitura de textos complementares para a preparação das aulas; os espaços de trabalho em casa e na escola; a utilização de redes sociais com os alunos; as estratégias de correção de avaliações; os seminários de sociologia realizados pelos alunos da rede pública; percepções de alunos sobre a sociologia; a discussão de temas sensíveis em sala de aula; a formação enquanto pesquisadora; a pesquisa de mestrado em propostas curriculares estaduais; as ameaças ao ensino de sociologia com a reforma do Ensino Médio; reflexões sobre atividades que faria; as melhores e piores atividades na prática docente; o roteiro de síntese didática para as aulas; a participação em congressos de Sociologia; as estratégias de escrita para artigos; o trabalho com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); a questão dos turnos na escola.

*Entrevista: 06.04.2017*

João Maia – Podemos?

Bruna Lucila – Podemos.

J.M. – Tá bom. Bom, hoje é dia sete de abril, correto? Seis de abril.

B.L. – Seis.

J.M. – Obrigado. Entrevista com Bruna Lucila de Gois dos Anjos. Bruna, muito obrigado por ter vindo.

B.L. – De nada.

J.M. – E a primeira pergunta que eu faço para todos é: onde e quando você se formou como cientista social? E, já uma segunda pergunta junto, em que momento começou a sua profissionalização na área de ciências sociais, por assim dizer?

B.L. – Tá. É, eu sou da UFRJ, fiz na época não tinha licenciatura descolada do bacharel, então eu fiz bacharel e fiz a complementação na licenciatura, que era o três mais um, na época. E aí eu terminei em 2008.

J.M. – 2008.

B.L. – É. Justamente quando aprovou a lei da obrigatoriedade. É... a minha profissionalização... Eu já trabalhei antes, sempre trabalhei na docência em pré-vestibular comunitário. Até mesmo na graduação. Comecei a trabalhar em pré-vestibular como professora comunitária em 2006, ainda na graduação.

J.M. – Em qual pré-vestibular?

B.L. – Pré-vestibular Comunitário Almirante Negro, o nome. Ficava na Praça Mauá, e já acabou, não existe mais. E aí eu sempre tive o desejo, até quando entrei em ciências sociais eu queria ser professora de sociologia, só que na época quando eu saí não tinha ainda um mercado tão vasto, e eu fiz concurso para o Estado.

J.M. – Assim que você saiu?

B.L. – É, eu já tinha feito, eu fiz inclusive em 2008, o meu primeiro concurso é de 2008. Mas não fui chamada ainda, depois que eu saí. Aí em 2009 eu trabalhei um tempo em ONG. Trabalhei dois anos em ONG.

J.M. – Ah, é?

B.L. – É.

J.M. – Qual ONG você trabalhou?

B.L. – Eu trabalhei no CIEE.

J.M. – Sim.

B.L. – Centro de Integração Empresa-Escola. E aí depois eu só exerci a docência, a partir de 2010 eu só exerci a docência.

J.M. – Mas no CIEE o seu trabalho tinha algo a ver, assim, com sua formação?

B.L. – Tem.

J.M. – O quê que você fazia lá?

B.L. – Na verdade eu trabalhava num núcleo que eles chamam de monitoramento e avaliação. Aí como era estágio e aprendiz, eu trabalhava com entrevistas com estágio e estagiários e aprendizes dentro, que já estavam dentro das empresas, para saber como é que estava indo, para fazer mapeamento, era meio isso, o mapeamento do que estava acontecendo e como melhorar os processos de inclusão de jovens no mercado de trabalho, era meio isso.

J.M. – Ah entendi, legal.

B.L. – É, e aí eu fazia isso lá. E eu passei um ano e meio lá fazendo isso. Depois eu só exerci a docência.

J.M. – Antes de chegar em 2010, que foi o seu começo da sua docência, não é? Como é que foi na tua licenciatura? Você ainda fez no modelo mais antigo, não é?

B.L. – É.

J.M. – Como é que foi? Foi legal? Você sente hoje que te preparou, não?

B.L. – Então, como eu atuei com pré-vestibular junto, eu acho que pude aproveitar muito mais do que os meus colegas as discussões lá na licenciatura da área de educação. Eu achei que como eram algumas disciplinas só, e a gente não refletia sobre a escola em todas as outras do bacharel, não é? Em todas as outras que não eram ligadas à área de licenciatura, ficou algo meio distante da prática, mas, e aí a gente fazia com todo mundo, não é? Era, sei lá, física, matemática, sociologia, educação física, todo mundo junto. Às vezes não dava para refletir sobre a prática exclusiva do professor de sociologia. Hoje eu vejo pelos estagiários que eu recebo lá da licenciatura que eles têm muita, muito outra vivência do que eu tive, não é? Porque eles têm uma preparação desde o início do curso para atuar a prática em sala de aula. Hoje laboratórios são sempre pensados, assim, atuação prática, enfim. Então, acho que a dificuldade foi essa. Mas a licenciatura eu amei, eu não... Assim, eu esperava muito chegar, porque eu queria dialogar com o que eu já estava vivendo lá no pré-vestibular comunitário.

J.M. – Legal. Em 2010 você fez concurso para o Estado, então?

B.L. – Eu fiz em 2008.

J.M. – Que não rolou? Você não foi chamada...

B.L. – Fui chamada, mas não assumi porque foi para Caxias.

J.M. – Ah tá.

B.L. – Aí eu acabei não assumindo, e fiz em 2009, aí esse de 2009 eu assumi em 2010.

J.M. – E aí você foi para qual colégio em 2010?

B.L. – Fui para vários [risos]. Em 2010 especificamente eu fiquei dividida Colégio Estadual Nilo Peçanha, que é em São Cristóvão, e no Souza Aguiar, já tinha dois ou três tempos no Souza Aguiar. Só que Sociologia diminui a carga horária de 2011 para 2012, eu cheguei a ficar em quatro escolas nesse período tendo uma matrícula só.

J – Como é que era nessa época das quatro escolas? Como era a tua rotina, assim, semanal?

B.L. – Era complicado porque você, tinha que, eu tinha que mês deslocar muito, tinha uma escola no Centro, na Lapa, o Souza Aguiar, tinha uma em São Cristóvão, tinha uma no Leblon e a outra na Roçinha, então eram quatro escolas em lugares diferentes do Rio e às vezes no mesmo dia, ia para uma e depois ia para outra. Então era complicado por isso. E eu trabalhava em outros lugares também.

J.M. – Ah é?

B.L. – É. Não só... Eu pegava *freelancer*, trabalhei no SENAC um tempo como instrutora também.

J.M. – Também relacionado alguma coisa de docência no SENAC?

B.L. – Sim, sim.

J.M. – Era o que lá?

B.L. – Era um instrutor. O instrutor ele dá aula para técnico, para curso técnico, para tecnólogo, aulas ligadas à questão das ciências sociais, eu sempre pegava sociologia, ou questão mais de meio ambiente linkado com sociologia, a questão da violência, que eles tinham, tinham isso também. Então eu pegava essas cadeiras. E aí era rotina, a rotina era bem difícil nessa época, porque eu trabalhava em outro lugar e tinha essa matrícula que estava dividida em quatro escolas.

J.M. – Você tinha na época assim um tempo para preparação de aula? Como é que funcionava para você? Como era a tua estratégia para lidar com isso?

B – É, no Estado a gente tem um planejamento de quatro horas semanais numa matrícula de 16 horas. É muito pouco para a quantidade de coisas que a gente tem que fazer, principalmente porque a gente tinha um tempo em cada turma, praticamente. Primeiro e segundo ano era só um tempo.

J.M. – Por semana?

B.L. – Por semana. Então eram muitas turmas. Nove turmas, dez turmas, com uma matrícula de doze horas em sala. Então era complicado preparar tudo, mas a gente bola estratégias. Eu sempre ultrapassei as quatro horas. Eu sempre trabalhei muito mais, assim, em casa, finais de semana, sempre usei também para o trabalho. Entendeu?

J.M. – Você no final de semana sentava, preparava mais as coisas.

B.L. – Preparava. Corrigia as avaliações, fazia tudo isso.

J.M. – Você tentava fazer no início do semestre ou ao longo de todo o semestre tinha que fazer aquilo?

B.L. – Ao longo. Ao longo. Até hoje, mas agora eu me dou mais os finais de semana. Eu trabalho menos e me dou mais os finais de semana.

J.M. – Tá. Então hoje a tua rotina. Como é a tua rotina hoje, se você pudesse descrever assim um dia completo. Como é que seria assim? Da hora que acorda.

B.L. – Vou descrever o meu dia mais cheio. Terça-feira. Terça-feira saio para trabalhar, acordo cinco da manhã, saio para trabalhar às seis horas. Estou no colégio às sete. Aí trabalho seis tempos de manhã. À tarde...

J.M. – Um emendado no outro?

B.L. – Isso, tudo emendado um no outro. Acaba meio dia, meio dia e vinte. Aí à tarde eu também sou supervisora do PIBID, que é um programa de iniciação à docência. Então tenho reunião do PIBID à tarde de duas às cinco e meia.

J.M. – No colégio ou na universidade?

B.L. – No colégio, no colégio. No Souza Aguiar. O PIBID...

J.M. – No Souza Aguiar?

B.L. – O PIBID de ciências sociais da UFRJ é no Souza Aguiar. Aí eu trabalho, eu tenho essa reunião do PIBID semanal. E aí depois eu dou aula seis e vinte. Mais seis tempos de aula noturna.

J.M. – Onde é essa, essa aula?

B.L. – No Souza Aguiar.

J.M. – Também?

B.L. – É.

J.M. – Aí você chega em casa?

B.L. – Chego em casa onze horas, onze meia.

J.M. – Nos outros dias você consegue ter um, menos tempos de aula?

B- Tenho. Nos outros dias eu tenho menos tempo. Na maioria dos dias eu só trabalho de manhã. Então, segunda, terça. Segunda, quarta, quinta eu trabalho só de manhã.

J.M. – E à tarde você consegue estar em casa para fazer as suas coisas?

B.L. – Consigo. Consigo. Esse ano eu consigo. Porque eu peguei menos carga horária.

J.M. – E aí você trabalha bastante em casa?

B.L. – Trabalho.

J.M. – Fazendo o quê basicamente?

B.L. – Preparando aula, preparando exercício, corrigindo. Lendo, não é? Para preparação de aula.

J.M. – Você ainda lê assim para preparar aula?

B.L. – Leio.

J.M. – Porque você já dá aula, você já tem uma experiência. Você dá aula há bastante tempo.

B.L. – Leio

J.M. – E você ainda, toda, toda preparação você procura ler coisas novas?

B.L. – Sim. Uso livros didáticos diferentes. Pego. Vejo algum que tem uma nova abordagem. Preparo, faço outras aulas. Agora usando muito slide também, então vou colocando as coisas que eu já tenho às vezes pronta no slide. Fico, realmente preparo aula mesmo.

J.M. – O teu slide seria quase o teu quadro-negro.

B.L. – Isso. É. Eu uso muito no Souza Aguiar porque lá tem equipamento em todas as salas. Então meio facilita do que a gente ficar escrevendo em todas as salas a mesma coisa.

J.M. – E aí tem colégio que não tem?

B.L. – A maioria não tem.

J.M. – E aí você usa quadro-negro?

B.L. – Aí eu uso quadro ou outras estratégias. Pego algum data-show. Alguns tem algum data-show. Aí agendo parar passar algum filme. Mas a maioria é escrito mesmo. Só o Souza Aguiar. Às vezes, mas às vezes eu faço eles copiarem também, como uma fonte, um recurso didático também.

J.M. – Entendi, entendi. E aí na hora da preparação é você assim ou você tem um papo com outro professor do colégio, troca ideia com professor de outro colégio, ou é muito você assim?

B.L. – É muito solitário.

J.M. – É.



B.L. – É, muito solitário. Assim, eu no Souza Aguiar, a professora. Porque eu estudei no Souza Aguiar, não é?

J.M. – Eu não sabia.

B.L. – É. Eu não falei porque começou já na graduação.

J.M. – Já começou lá atrás.

B.L. – Eu estudei lá, então a professora que tem lá junto comigo foi minha, minha professora de sociologia. Aí a gente tem um diálogo, mas não é assim um diálogo constante. Ela trabalha de manhã e eu trabalho no noturno. Então a gente não se cruza, mas a gente se fala, se liga, manda e-mail, manda material uma para outra, a gente tem esse diálogo assim, mas na hora da preparação da aula é solitário. É solitário.

J.M. – Você se ressentiu disso assim? Você gostaria...

B.L. – Eu gostaria de ter diálogo. Não assim todos os dias, mas pelo menos, sei lá, uma reunião de planejamento semanal, que a gente conseguisse trocar como é que estão as coisas, preparar talvez material junto. Eu gostaria.

J.M. – No caso, deve ter as reuniões com a coordenação pedagógica assim, mas não sobre conteúdo.

B.L. – Tem. Olha, no Estado a gente agora só está tendo conselhos de classe mesmo que dão conta disso. No particular eu já tenho uma coordenação e a gente se fala muito mais e já tem toda uma estrutura de como vai funcionar. Mas são, é bem diferente as realidades. O programa é outro. O currículo é outro. É bem diferente.

J.M. – Fala um pouco mais assim, quais seriam as principais diferenças assim? Primeiro do planejamento em si.

B.L. – É, então. No público eu sou muito autônoma. Mesmo tendo um currículo base lá, eu não tenho uma fiscalização intensa sobre ele. Tem uma fiscalização, mas eu também tenho uma, tenho muito autonomia. Até mesmo eu divirjo dele, desse currículo, a coordenação pedagógica sabe, a direção sabe. E assim, tenho essa autonomia até para divergir. Por exemplo, incluir a questão de gênero, de raça que não está no currículo.

J.M. – Que não está no currículo?

B.L. – É. Então eu tenho mais autonomia. No particular, não. Eu já recebo o programa. Tenho até às vezes o tema da aula.

J.M. – É mesmo?

B.L. – É. O tema das aulas que eu tenho que dar. Eles falam que é sugestão, mas você sabe que não é muito sugestão. A prova é integrada, então se você não der o conteúdo o aluno não consegue fazer a prova, porque tudo já está ali, a matéria que é cobrada, até

por isso tem uma indicação dos temas que eu vou trabalhar. Então eu não tenho muita autonomia assim, de sei lá, colocar uma nova atividade, um novo tema, abordar uma coisa de uma maneira diferente porque o aluno vai ser avaliado por aquele instrumento que vai ser comum para todas as turmas daquela série na escola. Então eu não tenho tanta autonomia para mudanças de planejamento, mudanças nos temas. Não tenho essa autonomia.

J.M. – Mas no caso essa, digamos assim, sugestão de como funcionar é mais temático ou até mesmo de estratégia de transposição pedagógica?

B.L. – Não. É mais temático.

J.M. – Temático? Você pode ter suas estratégias em como dar aquele conteúdo?

B.L. – Sim, sim.

J.M. – E varia também entre o público e o particular? Você usa estratégias diferentes?

B.L. – Não.

J.M. – Não?

B.L. – Não uso. Eu uso assim. Não, não uso. Porque até no particular mesmo tem uma dificuldade de equipamento. Então, não.

J.M. – Então basicamente o power point?

B.L. – Basicamente é a mesma coisa

J.M. – Eventualmente filmes?

B.L. – É, videozinhos, não é? Por causa do tempo.

J.M. – Tempo.

B.L. – Porque não dá para passar filme. Vídeos curtos ou trechos e power point, debates, júri simulado.

J.M. – Ah, como é que é o júri simulado?

B.L. – Júri simulado é um, quando você tem um tema, não é? Por exemplo, eu gosto muito de fazer com ações afirmativas. Aí fala o que são ações afirmativas e tal, e depois disso, depois de a gente já ter dado o conteúdo é, peço para a gente fazer um júri simulado sobre as cotas raciais. E divido a turma geralmente tem, agora não estou encontrando muito, muita gente contrária e alguns a favor. Agora estou encontrando até meio a meio.

J.M. – Antes era mais gente contrária?

B.L. – É antes era.

J.M. – No público ou no particular?

B.L. – Mais no particular. No público eles. É, também, mas menos. Menos acentuado a diferença. E aí eu divido a turma em dois grupos. Geralmente eu peço para que, para quem tem mais a favor falar contra e que tem mais contra falar a favor. Aí eles vão lá, se dividem elegem advogado, não sei o que. Mas júri entre muitas aspás, não é a mesma coisa de um júri. Mas a gente debate esse tema através deste recurso que é o júri simulado. Tem o juiz, tem pessoas juradas, voluntários, que eu peço para se voluntariar e aí se voluntariam.

J- E os seus alunos curtem?

B.L. – Curtem, curtem muito. Pedem o tempo todo. Vamos fazer júri, toda hora. Vamos fazer debate, júri, não sei o quê.

J.M. – Você usa muito livro didático em sala assim?

B.L. – Estou usando. Não fazia isso. Mas agora estou usando por uma falta de condições das escolas públicas de material extra. Eu mandava muita coisa, muito texto, exercícios, não é? Para a gente fazer fora do livro didático e agora a gente não tem mais isso, então uso, tem sido frequente. Tenho usado muito livro didático, mais para isso também, fazer exercícios, para ler algum trecho que eu tenha achado interessante. Eu uso inclusive eles para preparar as aulas, tenho usado. E também uma coisa que foi importante no uso do livro é a nossa escolha do livro. A gente está escolhendo o livro.

J.M. – Nesse momento que vocês estão escolhendo?

B.L. – Não.

J.M. – Não, é uma prática de escolha.

B.L. – É, isso. Há três anos, dois anos, não, três anos, a gente escolheu o livro que estamos usando agora.

J.M. – Qual livro vocês escolheram?

B.L. – Lá no Souza Aguiar é o Sociologia para Jovens do Século XXI.

J.M. – Que é de quem mesmo?

B.L. – É do Luís Fernandes e do Ricardo, Ricardo Cesar. No Chico Anysio quando eu cheguei, eu sou muito recente nessa escolha, já tinham feito a escolha do livro, é O Tempos Modernos, Tempos de Sociologia. O da outra escola também, eu não tive, no particular eu não tive ingerência sobre isso, é a escola que escolhe, tem um convênio com a editora, e aí foi a da Moderna, que é o Sociologia em Movimento. Então tem três livros diferentes.

J.M. – Caramba.

B.L. – Três escolas e três livros.

J.M. – E na tua casa você disse que prepara as aulas.

B.L. – Preparo.

J.M. – Lê os livros didáticos.

B.L. – Leio.

J.M. – Que outros tipos de recursos você usa para você. Você lê artigos, procura coisas na internet?

B.L. – Procuo coisas na internet, leio basicamente. Artigos eu lia muito no início para preparação. Lia bastante artigos, e lia muito, tem um livro organizado pelo MEC de 2011 que se chama Coleção Explorando o Ensino.

J.M. – Acho que eu sei. Que está disponível...

B.L. – É, online. Eu lia muito aquilo para preparar as aulas. São especialistas que falam sobre temas diferentes e depois tem, tipo uma aplicação na educação básica. Eu lia muito aquilo e lia muito artigos também.

J.M. – Artigos científicos?

B.L. – Científicos. Sei lá pegava um autor da sociologia do trabalho. Ramalho, lia sobre o que ele estava falando sobre trabalho. Aí ia dar uma aula sobre sindicalismo. Aí pegava o Ricardo Antunes e lia. Lia muito artigos. Agora não mais. Eu parei.

J.M. – Por quê?

B.L. – Eu não sei se talvez eu já tenha lido tantas coisas e já esteja mais, é, como é que eu posso dizer, é, mais ambientada com os temas, que talvez na minha graduação eu não tenho me debruçado tanto e eu aí fiz esse exercício no início da minha docência. Ou talvez que já tenha muito material pronto na internet que já faz essa transposição.

J.M. – Ah, entendi, tem sites assim?

B – Tem. Tem vários sites. Tem sociologia, Café com sociologia.

J.M. – Você gosta do café?

B.L. – Gosto. Tem Sociologia de Plantão. Tem vários sites que já trazem essa transposição e que tem experiência. Eu não gosto de pegar slide da internet e passar inteiro. Não. Eu gosto de pegar os conteúdos que tem e adaptar à minha realidade. Então, eu não uso mais esse recurso de ler os artigos, eu leio mais os livros e mais as transposições já feitas, não é? Pessoas que pegam essa, esses temas e já fazem a transposição e mostram de alguma forma o resultado disso. E eu gosto muito de ler uma coisa que eu sempre pego para ler é relato de experiência.

J.M. – Hum.

B.L. – Por exemplo, nos encontros, no ENESEB, ENSOC, esses encontros que tem de ensino de sociologia tem muitos GT sobre relatos de experiência, que a pessoa conta como foi trabalhar tal tema em determinado lugar. Eu gosto muito de ler isso.

J.M. – Uhum, legal.

B.L. – Eu acho que acrescenta muito na minha prática. Mesmo que eu não aplique daquele jeito que está ali, me dá ideias, me dá subsídios às vezes para as aulas, então eu gosto muito de ler isso também.

J.M. – Você consegue ter tempo assim parar ler coisas que te interessam como socióloga sem ser pensando nas turmas assim?

B.L. – Não, não mais, não mais.

J.M. – Sente falta?

B.L. – Não, assim, eu pego as coisas para ler. Estava lendo a etnografia sobre presídios, um dia desses, esqueci o nome da autora. Eu já penso, vou levar trechos disso aqui para a sala de aula. Eu vejo um filme, ‘ah esse filme é interessante para passar um trecho para discutir não sei o quê’.

J.M. – Você imediatamente já está pensado.

B.L. – Já estou.

J.M. – Na tua casa tu tem um espacinho de escritório assim?

B.L. – Tenho, tenho.

J.M. – Ah, legal.

B.L. – Tem uma mesa, uma escrivaninha que é enorme assim. Aí fica meu material, vários gaveteiros com material de aula mesmo, e meu computador, enfim, minhas canetas, um monte de coisa.

J.M. – Ah legal

B.L. – Livros didáticos.

J.M. – Nos colégios você consegue ter espaço para você assim? Para trabalhar ou terminar uma aula?

B.L. – Não, não.

J.M. – Nenhum deles, público, particular?

B.L. – É só uma mesa de sala de professor que você divide com todos. É isso. No Souza Aguiar eu ainda tenho um armário que eu guardo material. Então tem alguns livros didáticos que eu deixei lá, enfim. Eu ainda tenho isso. Mas um espaço.

J.M. – Dá para atender algum aluno eventualmente que tem alguma questão fora de classe, tem como assim? É difícil?

B.L. – Você só vai para dar aula, você só vai para escola para dar aula.

J.M. – E espaço virtual assim? Tem professor que usa.

B.L. – Uso facebook.

J – Você usa o face?

B.L. – Grupos de facebook.

J.M. – Fechados, assim? Para as turmas?

B.L. – Grupos para as turmas e vou colocando material, material que não dá para passar em sala ou alguma reportagem que eu vi, que eu não.

J.M. – E tem uma interação legal assim? Eles respondem?

B.L. – Tinha mais. Agora eles só querem saber de WhatsApp.

J.M. – Ah entendi.

B.L. – Eles só. Alguns não tem Facebook mais.

J.M. – E aí WhatsApp não é um meio que dê muito para fazer isso.

B.L. – É, assim, até agora eles colocaram documento, não é? Para transferir o documento, mas não era. E eu também tenho muito, assim, eu acho que é invadir muito a privacidade o aluno ter o telefone pessoal do professor, então eu meio, não. Às vezes eu passo para um aluno pelo Facebook, e tal, e aí ele manda por WhatsApp para o resto da galera. Porque eles têm grupo da turma, aí às vezes acontece isso muito.

J.M. – Mas eles te demandavam pelo face assim? Estou com alguma dúvida.

B.L. – Nada. Geralmente é para saber a nota.

J.M. – Nota?

B.L. – É. Chega fim de bimestre: “Professora, qual é a minha nota?” O tempo inteiro.

J.M. – E na hora, aliás, do final dos bimestres, você com essas turmas todas qual a tua estratégia assim para corrigir as avaliações assim? Você tira o fim de semana, café e vamos embora, assim?

B.L. – Já foi muito assim, mas eu tenho diminuído as avaliações, as questões, o número de questões e tenho diminuído também a quantidade de questões discursivas. Tem sido muito múltipla escolha para dar tempo de corrigir tudo. Só que os outros professores me acham meio Caxias demais, porque eu ainda passo trabalho em sala, trabalho de pesquisa, que tudo demanda uma leitura grande. Eu passo ainda.

J.M. – Isso que ia te perguntar, assim, dos teus métodos de avaliação. Você dá as provas, você tem que dar e você usa os trabalhos também?

B.L. – Uso. Trabalhos, exercícios que eu, eu não corrijo em sala. Passo, pego para corrigir e um trabalho que eu chamo de seminário.

J.M. – Como é que é?

B.L. – Que eles têm que pesquisar em grupo. Têm que pesquisar e têm que apresentar.

J.M. – Oralmente?

B.L. – Oralmente. E aí eles, a gente, eu separo um dia das minhas aulas para eles apresentarem esse trabalho. Tem sido uma experiência muito rica, porque eu, como eu tinha todas as séries da escola do noturno, sempre tive, eles começavam comigo no primeiro ano e no terceiro, continuavam até o terceiro. No noturno. Aí assim a gente vê como melhora, não é? A exposição oral, como eles estão menos tímidos, eles relatam isso, fala “Ah, professora, fui numa entrevista e me pediram para falar sobre um tema e eu já escolhi algum do seminário que a senhora passou porque eu já sabia e não sei o quê”. Então eles têm uma identificação com isso. Mas isso, por exemplo, eu não consigo fazer no particular. Que já tem outra estratégia de avaliação.

J.M. – Porque já é mais padronizado, é por isso? O colégio pede para ser um pouco mais assim?

B.L. – É. A prova tem um peso grande e tem duas provas por bimestre e uma que eles chamam de terceira nota. O que é a terceira nota? É uma nota conceitual, aí é comportamento, participação.

J.M. – Atitudes, assim?

B.L. – É. E um exercício em sala. É meio isso. Mas agora seminário eu não consigo fazer. Essas outras coisas eu não consigo fazer, mais ligada a essa questão da avaliação aí da avaliação.

J.M. – No caso assim desses seminários que você passa, você poderia descrever ou lembrar de um assim que você acha, “esse foi uma arma legal”, ou rendeu mais?

B.L. – É. Eu passo. É, inclusive com as turmas de segundo ano acabo de um, de dois agora que eu estou passando seminário de movimentos sociais. Aí eles têm que escolher dentro de uma lista que eu dou, meio uma bibliografia base, eles têm que escolher um movimento social, pesquisar sobre ele e me entregar o trabalho escrito com a pesquisa e apresentar. Têm vários muito bons. Hoje mesmo teve um do movimento feminista excelente.

J.M. – É?

B.L. – Que abriu várias discussões. Eles pesquisam mesmo. Super interessados em pesquisar, então foi bem legal. E esse seminário de movimentos sociais sempre é muito bom.

J.M. – Você diria assim, você já tem essa experiência, em diferentes colégios, tempo de docência, assim, como é que você acha que os alunos, assim, se é que é possível generalizar, veem a sociologia, assim, o quê que é para eles assim? O que você acha? Qual lugar que eles dão a isso na vida escolar deles?

B.L. – Quando eu fiz especialização lá na UFRJ, também, antes de fazer o mestrado no CESPEBE. Não sei se você já ouviu falar.

J.M. – É aquele coordenado pela Anita?

B.L. – Pela Anita e pela Júlia. É. O CESPEBE é um curso, uma especialização direcionada para professores da educação básica. E lá em 2010 quando eu estava iniciando a docência também e eu estava fazendo CESPEBE, a minha monografia foi sobre percepções de alunos sobre o ensino de sociologia.

J – Nossa, então você tem dados.

B.L. – É. Não, mas assim, foi um estudo bem de caso e tal. E naquele momento que a sociologia estava se inserido, foi o primeiro ano que a sociologia estava nas três séries do ensino médio no Rio de Janeiro. As pessoas não davam tanta importância para a sociologia na escola. Hoje eu já vejo muito diferente, além da importância e aí muito porque a sociologia hoje. Porque cai no Enem. A sociologia está inserida nos exames, da UERJ e tal, ela está nesse aparato, aí, desse campo de oficial, de inserção na universidade, enfim. Mas os alunos também têm também uma identificação com os temas, trabalhando com a sociologia, eles pedem mais aula de sociologia. O tempo todo é uma reivindicação dele. As ocupações escolares que o digam. Porque eles tinham lá em pauta isso. Então eu vejo hoje que a sociologia já está presente e aceita, pelo menos nas minhas realidades. Não é mais um questionamento. ‘Para que mais uma matéria?’ Como eu tinha lá em 2010. ‘Para que sociologia, para que mais uma matéria?’. Eu acho que eles já estão bem ambientados com os temas sociológicos, e com os conceitos assim, e por que e qual a importância de a sociologia estar no ensino médio.

J.M. – Agora, ao mesmo tempo também a nossa disciplina lida com temas que são quentes.

B.L. – É.

J.M. – Que são sensíveis. Afetam pais, alunos, etc. Já teve problemas com isso?

B.L. – Eu tive um problema com aluno. Não tão recorrente assim, já tive duas experiências pontuais, em diferentes escolas, com o tema gênero. É, alunos ligados a uma denominação religiosa que se recusava a assistir aula porque o tema era gênero.

J.M. – Já estava com o discurso de ideologia de gênero.



B.L. – É, isso, isso. Se recusavam mesmo. Como eram alunos maiores, eu trabalho muito no noturno, aí não teve nada com o responsável e tal, mas houve uma, a coordenação pedagógica chamou junto comigo, para a gente discutir e tal, e aí eu pontuei que eram temas relacionados à sociologia, que não era opinião nenhuma, que eram estudos, que eram científicos, na, na na...

J.M. – Interessante

B.L. – Aí houve a presença desses alunos em algumas aulas só, eu percebi que eles escolhiam a aula para vir. Já estava com a questão muito formada. Aí não aceitavam ouvir opiniões diferentes, não só opiniões, como estudos diferentes sobre aquilo.

J.M. – Mas duas vezes ao longo de toda experiência é pouco.

B.L. – Duas vezes.

J.M. – Eu diria que é pouco assim.

B.L. – Talvez. Eu sempre quando eu dou esses temas eu deixo muito, aliás, sempre nas primeiras aulas de sociologia do ano eu deixo bem claro que é uma ciência, que não é menor do que biologia, que não é menor do que física. Sabe? Eu deixo bem claro que é uma ciência. Eu não estou aqui falar das minhas opiniões, apesar de tê-las, eu vim aqui falar sobre teoria, conceitos, sobre temas que a sociologia estuda. Falo para eles, têm um monte de pesquisador pensando sobre isso e eu venho aqui falar sobre eles. E eu falo, e eu também uso muito, eu falo, dou nome aos bois. ‘Oh, isso aqui que eu estou falando’, trabalho, por exemplo, ‘Isso aqui quem está falando não sou eu, é o Marx’. ‘Isso aqui quem tá falando é o Weber, isso aqui é o Durkheim, isso aqui é o Bauman’. Eu dou nome aos bois. Eu acho que fica identificado, que não é um discurso meu sobre um fato, e sim, estudos de diferentes pessoas pesquisadoras sobre isso. Eles ficam confusos porque nenhuma outra disciplina faz isso.

J.M. – É verdade.

B.L. – Então eles ficam meio confusos de início, ‘Mas, qual é o certo professora?’ Não tem certo, são diferentes pensamentos sobre o fato e científicos. Não tem certo. Que eles vêm com essa cabeça. O que é o certo e o que é errado? Aí desmistificar isso é um pouco complicado. E as provas sempre, quando vou cobrar alguma teoria, algum conceito de algum sociólogo eu coloco, ‘segundo fulano de tal, porque tem que estar, essa é a resposta certa para esse cara, tem que estar estabelecido isso, a maioria tem que encarar a sociologia assim, porque talvez eu não tinha tido tanto problema por causa disso, eles sabem, eu delimito, isso aqui é um estudo científico, uma ciência, então, aqui

não estou lendo minhas opiniões. Tenho, tenho elas, eles até falam às vezes, “Ah, no teu Facebook eu vi, não sei o que..”.

J.M. – Você é amiga de aluno no Facebook?

B.L. – É, é. Mas eu falo, ‘não, mas esse é meu pensamento, não tem nada a ver com sociologia’.

J – Bruna, vamos falar um pouco da tua formação também de pesquisadora, você fez especialização? Foi em que ano você fez a especialização?

B.L. – Fiz. Em 2010.

J.M. – Em 2010?

B.L. – Assim que entrei na docência.

J.M. – Você já fez a especialização?

B.L. – Eu já fiz a especialização. Foi a primeira turma do CESPEBE.

J.M. – Mas naquela época você estava com 280 turmas? Estou brincando.

B.L. – Não.

J.M. – Você estava com bastante turma naquela época? Não?

B.L. – Não. Em 2010 ainda não. Em 2011, que quando, quando. Porque 2010 a gente tinha dois tempos no segundo e no terceiro, então eu só tinha seis turmas. Mas 2011, acho que foram para dez turmas.

J.M. – E você estava na especialização ainda? Era à noite?

B.L. – Estava, estava terminando. É à noite. Terça e quinta à noite.

J.M. – E era tranquilo levar?

B.L. – Não.

J.M. – Não?

B.L. – Não, não era tranquilo. Talvez por ser a primeira turma, foi até uma crítica que a minha turma fez. Acho que os professores da universidade eles ainda não estavam ambientados com o nosso ritmo de trabalho. Então era muita coisa para ler, muito trabalho para fazer, não sei o quê, a gente até no final fez essa crítica, e eu acho, não sei se absorveram. Devem ter absorvido. Porque é um público muito diferente do que a universidade está acostumada a receber. E aí a gente pontuou, ‘não dá, a gente trabalha muito’ não sei o quê.

J.M. – E a especialização, a tua avaliação assim, você sentiu que foi interessante, ou você sentiu um divórcio muito grande da sociologia na academia e você?

B.L. – Não, foi muito boa.

J.M. – Legal.

B.L. – Foi muito boa. Também não só pelo diálogo que a gente conseguiu fazer com a nossa realidade, mas também por você estar com outros professores, então foi o momento da gente, tinha 30 pessoas na turma, foi o momento em que os professores de sociologia tão sozinhos em suas realidades se encontravam. E aí tinha alguns professores que pesavam em práticas coletivas e a gente conseguia conversar sobre os temas, como aplicar e não sei o quê. Foi muito interessante.

J.M. – Legal.

B.L. – Não me arrependo nada, apesar do cansaço, não me arrependo nada.

J.M. – Aí o teu trabalho de especialização foi sobre as percepções dos alunos?

B.L. – Foi, foi sobre as percepções discentes, no ensino de sociologia, estudo de caso.

J.M. – E o mestrado? Quando é que começou?

B.L. – O mestrado. Então, quando eu saí da especialização por conta do ritmo de trabalho, eu falei “Não vou fazer mestrado, não”, mas eu continuei assim, de certa forma, interagindo com o grupo da Faculdade de Educação, indo a algumas reuniões do Laboratório de Ensino de Sociologia e tal. E aí quando eu percebi que a Anita estava no, ia para a pós-graduação eu meio que me animei. Já tinha tentado uma vez antes, com outra professora e quando a Anita foi definitivamente, entrou na pós aí eu me animei a fazer o mestrado porque o meu tema, o tema que eu tinha era ensino de sociologia, era vinculado a ensino de sociologia, então eu me animei a partir daí, aí tentei a prova, aí eu consegui passar para outra orientadora, mas aí ela depois a gente conversou lá com a direção e aí conseguimos que eu ficasse com ela.

J.M. – Foi em que ano você entrou no mestrado?

B.L. – 2014.

J.M. – 2014?

B.L. – É.

J.M. – Qual era o teu tema?

B.L. – Meu tema: propostas curriculares estaduais.

J.M. – Uma análise justamente do que te incomodava?

B.L. – É. Uma análise comparada. Faço uma História Social do currículo. Aí uma análise comparada das propostas do Rio, de São Paulo e do Paraná. Esses três estados. Mas só que eu não fico com a última. Eu faço uma comparação, a partir da reinserção da sociologia que foi na década de 80, então tem o currículo de São Paulo de 86 até agora, o do Rio de 90 até agora e do Paraná de 92, 93 até o último, 2008.

J.M. – Você ainda está fazendo?

B.L. – Terminei. Terminei ano passado.

J.M. – Ano passado?

B.L. – Aham.

J.M. – Você pensa alguma coisa em doutorado, ou para você está legal agora?

B.L. – Então, eu não estava pensando, mas diante do quadro da sociologia no ensino médio, eu estou querendo fazer.

J.M. – Fala mais sobre isso. Como você vê o quadro?

B.L. – Então, a gente está sob uma ameaça da reforma do ensino médio e de extinção da nossa disciplina. De passar a ser uma disciplina meio que optativa. Meu ponto de vista, eu acho que isso vai acontecer. Vai estar só na ênfase lá de Ciências Humanas e mesmo assim, eu acredito que, não com a oferta obrigatória. Não sei.

J.M. – Não vai estar no currículo dos 60, dos 40, do PNCC?

B.L. – Não. Eu acho que não. Inclusive hoje divulgou só para o ensino fundamental, a base, está divulgada hoje, a do ensino médio só no meio. Acho que vem coisa por aí. Enfim, aí o que acontece, aí eu acho que a reforma realmente dá um caráter marginal novamente à disciplina, marginal que eu digo assim, à margem, não marginal.

J – Retirar a importância que ela conseguiu ganhar.

B – Aí eu tenho muita preocupação com isso. De estar na escola por exemplo e não conseguir dar aula de sociologia e ter que dar aula de História, Geografia, para permanecer, tenho preocupação. Então eu acho que o doutorado é uma especialização para eu conseguir dar aula de sociologia, das disciplinas mais ligadas à educação e sociologia, prática de ensino, na universidade. Não queria me desvincular disso, e aí por isso que eu penso no doutorado.

J.M. – Mas o teu projeto ideal seria você conseguir continuar na Sociologia, Ensino Médio?

B.L. – Meu projeto ideal, sim.

J.M. – Que é aquele da graduação?

B.L. – Eu gosto do público do ensino médio, eu gosto desse público.

J.M. – Da tua rotina hoje, o que relacionado ao fato de você ser uma professora, o que você sente falta, o que você gostaria de fazer mais que você faz pouco?

B.L. – Acho que ler mesmo.

J.M. – É?

B.L. – É, assim, eu me afastei um pouco das ciências sociais. Como eu fiz mestrado em educação.

J.M. – Em educação.

B.L. – Então eu me afastei um pouco. Então eu sinto falta assim de ter alguma identificação maior com as ciências sociais assim. Eu sinto falta disso um pouco.

J.M. – Da parte da tua atividade docente assim, qual a parte que você mais gosta e qual a que te, não vou dizer menos que você menos gosta, você é uma professora vocacionada, mas que talvez te dê mais...

B – Então, o que eu menos gosto mesmo, vou falar. Gosto mais de preparar aula, gosto muito de preparar aula, eu acho que é um movimento muito difícil de ser feito, até porque eu penso nas turmas ao preparar aula, então é um movimento difícil. É lógico que eu não preparo uma aula para cada turma, mas você. Ah, diante das turmas de um segundo ano, o que é interessante para esse grupo de alunos aprenderem. Então eu penso nisso. Eu gosto muito de preparar a aula. Eu acho assim, a minha criatividade aflora. Eu gosto muito disso. E o que eu menos gosto é correção de prova.

J.M. – Toca aqui.

B.L. – [risos] Detesto. Eu acho, que não sei, é mecânico, não sei, não me interessa muito por isso.

J.M. – Você falou uma coisa interessante, você falou assim ‘É onde o meu lado criativo aflora, na preparação de aula’, assim, porque às vezes falando eventualmente com outro professor nem sempre eles usam essa expressão que você usou. Eles gostam, mas às vezes é uma coisa já meio, não vou dizer mecânico, algo já meio que vai numa certa rotina. Mas para você parece que é uma coisa nova assim, que você que, não vou dizer que tem uma pesquisa, você lê alguma coisa, você vai atrás de informação.

B.L. – É, é.

J.M. – É mais por aí assim?

B.L. – É, é mais por aí. É mais por aí, nunca é igual de um ano para outro, sabe? Às vezes de uma turma para outra, mesmo tendo o mesmo material, a gente consegue travar discussões diferentes, no mesmo ponto central, mas diferentes. Um aluno puxa uma pergunta e você vai indo, vai indo. Enfim. Nunca é igual. E eu gosto assim, ‘Ah, já tenho essa aula feita’, não é entrar em sala com aquela aula feita, então já está feita pluga aí no data-show e pronto. Não. Eu leio todos os slides novamente, vejo se insiro outras coisas, penso nas turmas. Eu tenho isso ainda.

J.M. – Interessante, você fala assim, quando você prepara a aula, qual objeto que está com você assim, é um computador com slides, você anota coisas à mão assim para você?

B.L. – Não, não.

J.M. – É só computador?

B.L. – Eu tenho, eu costumo fazer síntese didática também. Que é. Eu quase nunca agora estou imprimindo para dar. Já foi, já teve isso. Então nas sínteses eu meio que vou elaborando, quais os conceitos que eu quero trabalhar, temas que eu quero trabalhar em aula, conceitos, teorias, agora vou transportando muito isso para o slide de alguma forma. Mas eu trabalho muito com síntese didática. De fazer um esquema, fazer a sínteses, fazer um esquema. “Ah, isso eu vou colocar no quadro”, já está tudo escrito.

J – Ah, como se fosse um roteiro?

B.L. – Tipo um roteiro.

J.M. – Você escreve à mão, mas no computador? Um roteirinho?

B.L. – No computador. Já foi na mão, hoje em dia eu utilizo o computador. Mas já era.

J.M. – Já era...

B.L. – Já foi muito na mão.

J.M. – Aqui, slide não sei o quê, falar sobre isso.

B.L. – Isso, já foi muito à mão, agora é mais no computador.

J.M. – Aí você usa isso para preparar slides, mas você não usa síntese na aula para ficar com você, porque você já tem o slide e tal?

B.L. – Não. Praticamente não uso. Muito pouco que eu uso. Só numa aula assim, ah, inseriu um tema novo e você não sabe muito assim como você preparou, está muito novo, aí eu uso.

J.M. – Interessante. Nossa, já estamos quase acabando.

B.L. – É?

J.M. – É. Assim, redes sociais você usa para procurar coisas para tuas aulas assim ou mesmo para você como socióloga? Seguir alguém que você acha interessante?

B.L. – Ah tenho, sigo, é, Facebook. A rede social que mais uso é Facebook. Já tentei usar Twitter, mas...

J.M. – Não se acostumou.

B.L. – Não me acostumei. Eu uso mais Facebook mesmo, sigo, sei lá, autores da sociologia do currículo.

J.M. – Entendi.

B.L. – Eu sigo pessoas assim. Pessoas do ensino de sociologia, muita gente daqui, brasileiros e tal. É isso.

J.M. – Congresso você conseguiu ir, Bruna?

B.L. – Vou. Vou a todos. Fui na SBS ano passado.

J.M. – Onde tem o grupo de Ensino de Sociologia. Você se apresenta assim?

B – Então, não me apresentei no ano retrasado, passado, retrasado, dois anos, não é? É. Por conta de não estar, não ter concluído e esse eu mandei, mas não foi aprovado. Não sei por que, enfim. Mas tem o ENESEB também que é perto da SBS,

J.M. – É junto.

B.L. – É junto. É antes e a SBS depois. Eu sempre me apresento. Já é terceira ou quarta vez. É a quarta vez agora que eu vou me apresentar. Tem cinco encontros, eu só não fui em um.

J.M. – E você curte assim?

B.L. – Adoro, adoro.

J.M. – Principalmente pelos relatos de experiência.

B.L. – Eu gosto muito de oficina pedagógica. Que é justamente isso, aplicação de algo em sala de aula. Mas também vou nos GTs, falo, comento sobre as pesquisas, sobre o que estou fazendo. Esse ano vou levar uma com a colega lá do LABS sobre currículo do Rio e os livros didáticos de sociologia aqui do Rio, a integração entre eles, como funciona.

J.M. – E aí você apresenta um paper? Você escreve o paper, etc e tal?

B.L. – É, artigo, e tal.

J.M. – Se pudesse falar só um pouquinho sobre isso assim, que cada um tem uma estratégia assim. Como é para você escrever assim? Tipo, você senta com a ideia na cabeça, ou você fica lá com o texto, parágrafo por parágrafo, é complicado, etc.?

B.L. – Eu não sei, vou pensar um pouco na minha dissertação. Porque tem um pouco das duas coisas. Eu lembro assim, na minha dissertação algumas partes da dissertação foi muito difícil de escrever, fica um maior tempão você tentando.

J.M. – Sair daquilo.

B.L. – Sair daquilo, não sai e não sei o quê. E outras não, flui mais rapidamente. Eu gosto de ter ideias a partir do que eu leio. Então eu leio um artigo, me deu alguma ideia, aí eu já vou lá, faço as pastinhas, capítulo tal, artigo tal, não sei o quê. Aí vou colocando as ideias.

J.M. – As ideias veem mais solta assim, não é?

B.L. – E depois vou tentando juntar tudo.

J.M. – Você precisa ter um dia assim? “Hoje, vou escrever”.

B.L. – Não

J.M. – Ou tipo, agora, opa, agora vou parar para escrever um pouquinho?

B.L. – Como minha rotina é muito, muito complicada, quando eu estava no mestrado eu estabeleci uma tarde para isso. Toda semana eu tinha uma tarde só para isso. Às vezes não saía nada, às vezes saía muita coisa, às vezes eu queria ficar até à noite, mas eu dava aula à noite e tinha que parar. Então eu estabeleci uma tarde. E também o final de semana, quando começou as coisas a apertar os prazos. No domingo inteiro naquilo, mas eu não estabeleço não, “Ah, vou ficar o dia inteiro assim”. É meio que..

J.M. – Quando dá?

B.L. – Quando dá. Uma tarde e tal.

J.M. – Bom, eu acho Bruna que já passamos por todo o roteiro. Se você acha assim que nas perguntas não ao tocou em algum assunto fundamental assim, relacionado à tua prática se você quiser falar?

B.L. – Não, acho que não. Acho que foi tudo. Será que eu não falei alguma coisa?

J.M. – Talvez do PIBID?

B.L. – Ah, do PIBID.

J.M. – Como é que está o PIBID?

B.L. – O PIBID é um, lá a gente faz o seguinte. São cinco bolsistas de iniciação à docência. São estagiários. Aí lá no Souza Aguiar eu trabalho no noturno. Então eles não entram, tem PIBID em que a pessoa entra e faz as práticas em sala de aula com o professor. A gente escolheu, como eu trabalho no noturno e eles estudam no noturno, a gente escolheu fazer no contra-turno. E aí a gente inscreve, são oficinas ligadas à questão da fotografia, conceitos sociológicos a partir da fotografia.

J.M. – Porra, legal.

B.L. – Então a gente faz as oficinas ligadas, aí inscreve as pessoas que estão interessadas. Às vezes eventualmente uma turma, a gente faz à tarde. Uma turma está em aula, ou o professor liberou. Eu sempre me comunico com os professores para avisar que tem e eles colocam, ‘Ah, eu posso levar minha turma e tal’. A gente trabalha no contra-turno assim fazendo esses links. Aí tem vários temas, a gente trabalha, já está há dois anos lá. A gente trabalhou identidade da escola, para falar do conceito de identidade, aí eles saíam na escola tiravam fotos do que era.

J – Que era...

B – Que era demarcante, demarcador da identidade da escola. Já teve uma sobre violência, que eles faziam fotomontagem. A gente deu o tema violência e pediu alguns aparatos e pediu para eles fazerem uma fotomontagem do que eles achavam o que era



violência. Discutiui a partir das fotos. O que era, o que os sociólogos falavam, falou da Alba Zaluar, trouxe a questão da criminalização da pobreza. A gente discute a partir da fotografia. E leva também fotos. Teve um que foi intolerância religiosa. Aí levou algumas fotos e discutiui a partir destas fotos. Então é bem legal por isso. É uma experiência bacana para os estagiários, bolsistas, porque eles estão tendo, primeiro, a maioria deles o primeiro contato com a escola, após sair do ensino médio, então e como professores é diferente a relação e é bem interessante. E é frequente. Não é um estágio que você faz em um momento lá da graduação durante não sei quanto tempo. Já tem bolsistas no PIBID há dois anos e meio. E também na sala de aula você fica um período de observação intenso. Pelo menos os estagiários da licenciatura que vem fazer comigo eles ficam um período de observação.

J.M. – É.

B.L. – No PIBID não, já é prática mesmo. Já começa praticando, não tem observação. Eu acho que é muito interessante por isso. Queria eu poder ter feito.

J.M. – Ter feito isso?

B.L. – É. E a gente discute. Aí é o tempo que a gente tem diálogo, que isso não vai acontecer na escola nunca com eles, com outros professores. A gente discute, a gente avalia como é que foi a oficina, pensa em novas práticas a partir disso.

J.M. – De modo geral você diria que a formação da galera professora hoje é melhor do que há dez anos atrás?

B.L. – Eu acho. Melhor do que a que eu fiz é, com certeza porque eles estão o tempo todo discutindo dentro da prática. Coisa que eu cheguei na graduação e falei eu quero ser professora de sociologia, todo mundo...

J.M. – Tem que esperar o quinto período.

B.L. – Meio estranho. Não. Meio estranhou. ‘O que é, não estou entendendo? Professora de sociologia? Existe?’ teve meio um estranhamento mesmo. Não fazia parte do cotidiano dessa discussão. Os professores nunca citavam assim exemplos, ‘ah isso daí pode levar para a educação básica’, não, nunca. Então eu acho que essa formação da licenciatura é melhor por conta disso, imagino eu que eles estão refletindo sobre a prática docente muito mais do que eu refleti na graduação.

J.M. – Só uma última coisa, essa diferença assim, você sente muito assim, do noturno para o regular, etc. e tal? Como é que é assim? Você tem estratégia diferente? Em geral eles são mais velhos?

B.L. – Não mais. Quando eu entrei em 2010. Eu sempre trabalhei no noturno apesar de trabalhar no diurno também, no Estado eu sempre tive uma turma no noturno. Por ser professora nova, ninguém quer pegar o noturno. E eu acabo hoje em dia escolhendo o noturno para trabalhar. Não percebo diferença em idade mais, eles chegam com a mesma idade. Tem aluno de 14 anos no ensino regular noturno.

J.M. – A que você atribui isso?

B.L. – Tem uma lei, uma lei não, um decreto estadual, que por conta dos índices de avaliação, IDEB, que medem distorção em idade série, eles pegaram todo mundo acima de 21 anos e colocaram no EJA para não serem medidos por esse índice. Então, a partir do momento que fez isso, se não me engano foi em 2012, 2013, o pessoal mais velho saiu do regular noturno e foi para o EJA. No Souza Aguiar, a escola que eu trabalho mais tempo, não tem EJA, sempre foi regular. Até já está se pensando para o próximo ano, porque a escola perdeu muito aluno em implantar um EJA, ensino de Jovens e Adultos. Mas as turmas que eu tenho atualmente são regulares.

J.M. – São regulares?

B.L. – Chegam 14, 15, 16 anos. A diferença é que eles evadem mais e também porque eles, como é que eu vou falar, muitos conseguem emprego, não chegam trabalhando, mas conseguem emprego no meio do caminho. Então vão se diferenciando a partir dessa, conseguir emprego, já têm muito mais vivência. Chegam muito atrasado, perde aula e tal.

J.M. – Entendi.

B.L. – Porque o pessoal do noturno, na escola que eu trabalho no diurno, desculpa, dificilmente trabalham. Porque é escola integral, não tem nem como trabalhar.

J.M. – No EJA você não chegou a trabalhar?

B.L. – Dei, mas só meio, um semestre. Não tem muito a falar do EJA. Eram alunos muito mais velhos e com muita dificuldade de aprendizado. E em um semestre você não consegue dar tanto conteúdo, quanto é necessário. Eles tinham sociologia em dois semestres só. Então o que a gente faz em três anos para o regular, eles têm um ano.

J.M. – É, é realmente aí.

B.L. – É, muito. Eu só dei inclusive um semestre. Foi bem pouco. Foi introdução à sociologia, autores, não sei o quê, mas com a linguagem muito diferente, não é a mesma do que com adolescentes. E cultura, só. O que eu consegui dar.

J.M. – Bruna queria te agradecer.

B.L. – De nada, que isso. Precisando.

[FIM DO DEPOIMENTO]